

Sem pára-quedas

A variação real dos insumos de agosto 1997 a setembro 2000 mostra redução das margens líquidas do produtor

MARIANA AMARAL LOYOLA
E ADRIANO VENDETH DE CARVALHO

Todo produtor que desejar alcançar uma boa produtividade hoje deve ter consciência da necessidade e importância do uso de defensivos (herbicidas, inseticidas e fungicidas), fertilizantes e da utilidade de máquinas, equipamentos e implementos numa propriedade rural.

Os produtores vêm passando por dificuldades no decorrer dos últimos anos, principalmente pela perda e transferência de renda para outros setores da cadeia. Empréstimos atrás de empréstimos, juros, renegociações de dívidas, desvalorização cambial e – ainda mais – custos de produção cada vez mais altos.

Identificar essa realidade exige que se procure avaliar a variação real dos preços pagos pelos produtores nas últimas três safras e no início da próxima.

Motivo de preocupação

Para 17 amostras de fertilizantes/formulados, nove de máquinas/implementos agrícolas e 50 amostras para defensivos, as variações registram três fases distintas no período que vai da safra 1997/98 à safra 2000/01:

- um período de ligeira estabilidade nos preços pagos antes da desvalorização cambial;
- aumento excessivo dos preços logo após a desvalorização do câmbio (a partir de janeiro de 1999);
- uma fase de pós-desvalorização, de readequação dos preços, com tendência a queda na próxima safra agrícola.

No período, os defensivos tiveram um aumento médio real de 16,86%, superior à inflação registrada pelo IGP/DI (FGV).

Esse aumento é preocupante, se observarmos o quanto as lavouras hoje dependem dos defensivos. Pragas e doenças podem arrasar uma lavoura se não forem controladas adequadamente. Milhares de litros e quilos são gastos nas grandes plantações a fim de conter essas adversidades.

O maior aumento observado ocorreu em fevereiro de 1999, com uma alta de 36,37% para os herbicidas, 50,86% para os inseticidas e 50,20% para os fungicidas. Devido à desvalorização do câmbio e à importação de grande parte dos princípios ativos, os preços de defensivos subiram assustadoramente.

Tomando como base setembro de 1999, porém, percebe-se uma queda média nos preços na próxima safra 2000/01 de 14,38% – o que ainda não anima o setor rural, pois mesmo com essa redução as variações pagas pelos produtores permanecem em níveis bastante superiores aos da inflação no período.

Fertilizantes também preocupam

A situação não é diferente para os fertilizantes, que tiveram aumento médio de 6,12% acima da inflação no período analisado, sendo que em abril de 1999 os aumentos chegaram a atingir 30,60% (base agosto de 1997).

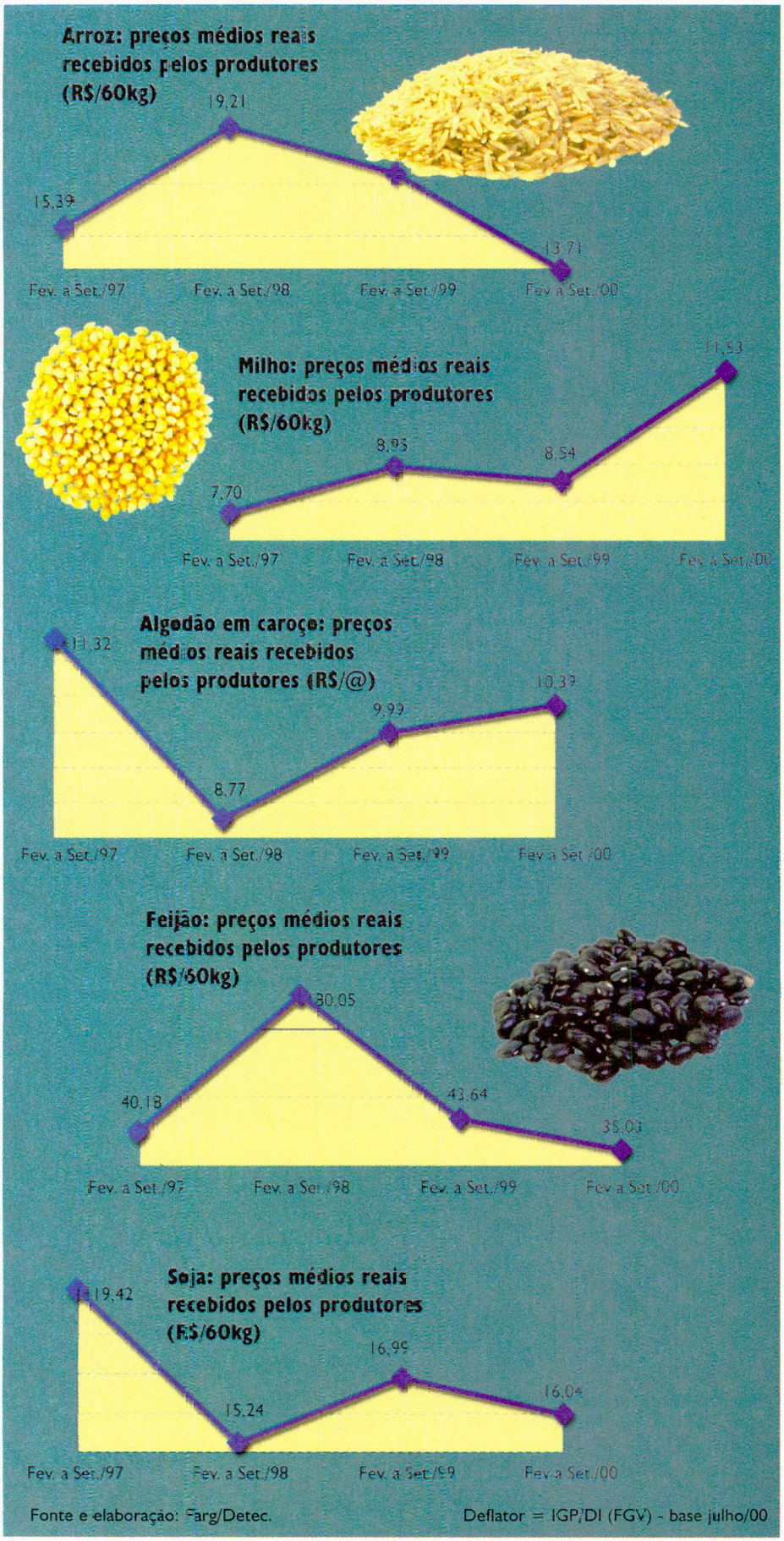
Destaca-se a uréia – um dos fertilizantes mais utilizados em praticamente todas as culturas – com drástica alta real de mais de 31%. Em termos nominais, os preços da uréia saltaram de R$285,00/t em agosto de 1997 para cerca de R$496,00 no início da próxima safra 2000/01 (agosto de 2000).

O que seria de uma cultura sem boa adubação? Com a grande exploração do solo, é necessário devolver todos os elementos retirados dele – sobretudo nitrogênio, fósforo e potássio. Uma cultura não terá bom desenvolvimento nem atingirá seu potencial sem adubação adequada e bom controle de pragas e doenças, que tornarão cada vez mais inviáveis ao produtor as operações normais de beneficiamento da lavoura.

Houve também uma tendência de queda nos preços dos fertilizantes após a desvalorização cambial. No último ano, por exemplo, a queda real foi em média cerca de 10,71%, com exceção da uréia.

Máquinas: cada vez mais pesadas para o orçamento

O custo da hora-máquina/ha, variável representativa para o orçamento do produ-



tor rural, ainda não recebe dele a devida atenção. As operações convencionais realizadas numa propriedade – calagem, aração, pulverização, adubação e colheita – estão cada vez mais onerosas.

Desde o preparo do solo até a colheita, nas últimas três safras e início da próxima, as operações mecanizadas tiveram um aumento real de 9%. A principal causa foi o diesel, que variou em 34,45% de agosto de 1997 a agosto de 2000. O diesel, que praticamente não subia em níveis superiores à inflação, disparou a partir de 1999. O litro, que custava cerca de R$0,44 na safra 1997/98, vale nesta safra em média R$0,78/litro em valores nominais.

Além do combustível, os preços de tratores e colheitadeiras também variaram 16,49% acima da inflação, com base agosto de 1997. Semelhante ao ocorrido com defensivos e fertilizantes, de setembro de 1999 para cá os preços médios das máquinas e implementos também se reduziram. Mas a variação de preços dos tratores e colheitadeiras continua acima da inflação.

Grandes dificuldades

Como continuar a plantar grandes lavouras com custos de produção cada vez maiores?

A escala de produção, que foi nos últimos anos a saída que o produtor teve para manter lucros, não consegue mais superar as grandes dificuldades impostas por margens líquidas cada vez menores e mais próximas dos custos de produção.

Esse processo, que sempre excluiu pequenos produtores da cadeia do agronegócio, ameaça agora as grandes extensões produtivas. Nas últimas quatro safras, por exemplo, com exceção do milho, todas as grandes culturas em Goiás tiveram seus preços em processo de queda real.

Medido pelo IGP/DI da FGV, nos últimos quatro anos o arroz teve uma queda real de 10,92%; o feijão, 12,82%; a soja, 17,4%; e o algodão, 8,2%.

Trajetória de queda

É fácil perceber o que o empresário rural vem enfrentando: perda e transferência de renda aos demais elos da cadeia produtiva e custos anuais em expansão.

Podemos também avaliar essa trajetória analisando a queda do poder de compra para insumos utilizados na produção. Hoje, para um produtor de arroz, são dispensadas em

média 30,27 sacas para comprar uma tonelada de fertilizantes, cerca de seis sacas a mais do que em agosto de 1997. Não é diferente com o feijão, a soja e o algodão, inclusive para defensivos.

Analisando cinco culturas – arroz, feijão, milho, soja e algodão –, nos últimos quatro anos o poder de compra do empresário rural teve uma queda média real de 4,08% para fertilizantes, 5,34% para os herbicidas, 11,95% para os inseticidas e 6,7% para os fungicidas, com base nos preços reais médios recebidos pelos produtores em 1997.

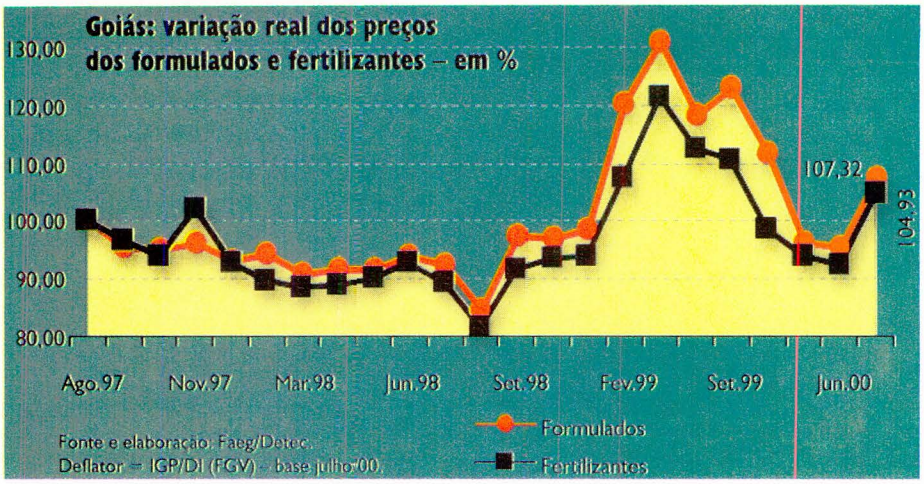
Produtores desestimulados

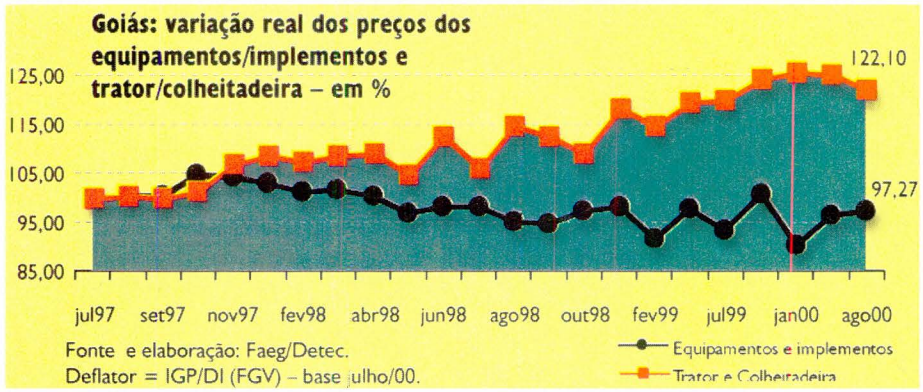
Este ano, aumentou o poder de compra do produtor, ou seja, são necessárias quantidades menores de produto para se adquirirem insumos agrícolas – cerca de 13,35% a menos que em 1999. Também o calcário, em termos reais, reduziu seu preço de R$18,46/t em agosto de 1997 para R$15,5/t na safra 2001, aumentando o poder de compra do produtor em cerca de 18,79%.

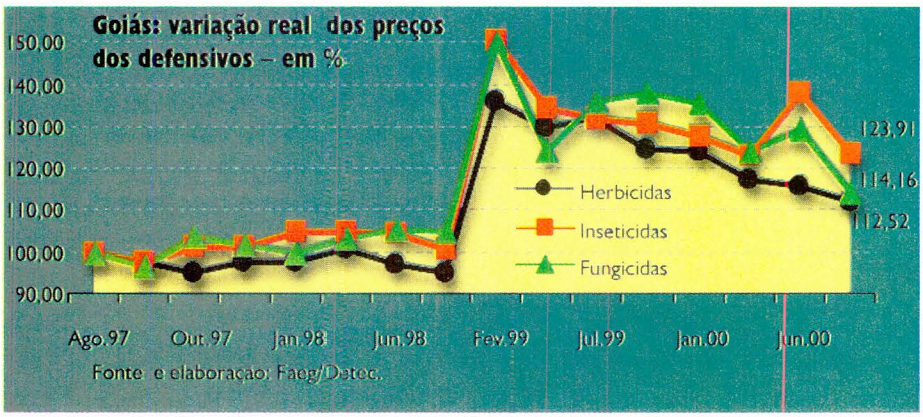
Mesmo com essa melhora do ano passado para cá, no entanto, continuamos em níveis superiores à inflação. A redução do poder de compra nos últimos anos torna difícil a manutenção na atividade. Os custos estão altos e a lucratividade cada vez menor.

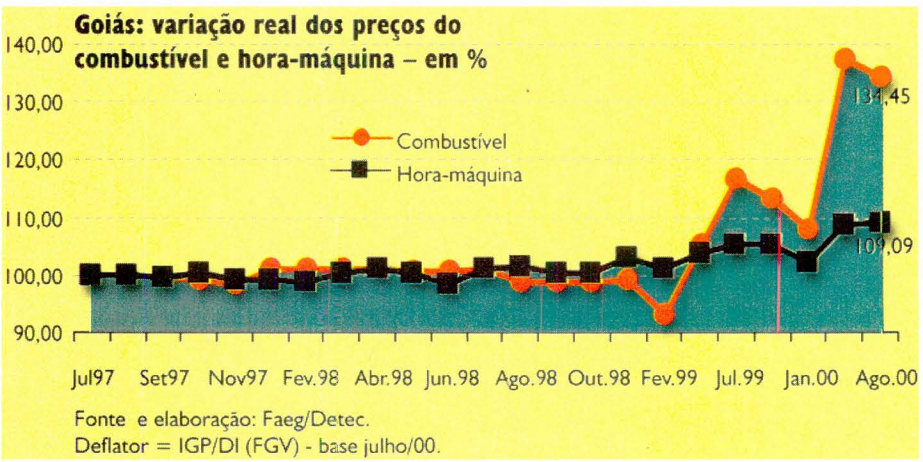
A situação desestimula os produtores a procurar maior qualidade sem esgotar o solo para atingir maior potencial da cultura. O aumento dos insumos acima da inflação é preocupante. Grandes e médios produtores estão ameaçados agora pelo aperto que afligiu os pequenos produtores há alguns anos.

Cabe ao governo e à sociedade propiciar condições mais favoráveis e estáveis ao produtor rural. A população é exigente quanto à qualidade dos produtos. Mas se a situação persistir, ficará impossível manter a produção para um mercado cada vez mais exigente. O prejudicado não é somente o produtor, mas toda a população urbana.









Os autores são engenheiros agrônomos do Departamento Técnico da Federação da Agricultura do estado de Goiás.